

Culturas e imagens

Chapeuzinho vermelho e a imagem do medo na sala de aula

Fabiano Moraes

Doutorando em Educação do PPGE/UFES



Pela estrada afora,
eu vou bem sozinha,
levar estes doces
para a vovozinha!
(BARRO, 1995).

Ao perguntarmos a qualquer brasileiro, de qualquer idade, se ele conhece este trecho de canção, a provável resposta será: “sim”. Caso perguntemos quando, onde, e a partir de que fonte a escutou, algumas possíveis respostas serão: “não me lembro”; “na escola”, e talvez; “em um disquinho colorido de histórias”.



Poderíamos ponderar: muitas histórias e canções populares são conhecidas sem que se reconheça a sua fonte exata. Mas buscando a origem da canção encontraremos sua autoria em João de Barro, o Braguinha, como parte de um dos contos da coleção 'Disquinho', prensada em compactos de vinil a partir da

década de 40 do século XX, no Brasil.

O leitor, ao ver o disco colorido, quiçá se lembre de alguns títulos como: *Dona Baratinha*, *A festa no céu*, *Os 3 cabritinhos*, dentre as dezenas de outros dessa coleção. No entanto, nos parece evidente que, de todos esses contos musicados, as canções que se apresentam de maneira mais clara na memória afetiva da maioria das pessoas (independente do contato com a fonte original) sejam: a canção da Chapeuzinho, e a do Lobo que diz: “Eu sou o lobo mau,

lobo mau, lobo mau. Eu pego as criancinhas pra fazer mingau [...]” (BARRO, 1995), ambas do conto em questão, gravado em 1946 pela Continental.

Em nossa prática de narrador, formador de narradores e professor de educação infantil, o fato de tais canções serem conhecidas por adultos de diferentes gerações e por crianças da mais tenra idade deflagrou duas questões: de que forma elas foram propagadas apesar de terem sido difundidas publicamente apenas por rádio e pelas gravações em vinil (não contaram com a tele difusão), e isso há décadas atrás? (1), e; por que essa imagem do ‘medo’ enquanto mecanismo disciplinar punitivo instituído na educação clássica por Perrault através desse conto, e fielmente ilustrado por Gustave Doré, permanece vivo ainda hoje nas salas de aula? Uma resposta provisória e provocativa nos indica que a permanência desta bela versão musicada deu-se (e ainda se dá), prioritariamente, na relação professor-aluno em sala de aula, aliada à manutenção de tal imagem do ‘medo’ instituído enquanto mecanismo disciplinar de punição. Assim como a menina é culpada pela violência sofrida por não ter seguido as normas de precaução instituídas, os alunos e cidadãos também o serão.

Como nos alerta Santos (2008), o futuro perdeu sua capacidade de redenção. Faz-se urgente reinventar o passado e expandir o presente. Reconfigurar alguns dos *saberesfazer*es do passado que se nos apresentam inconvenientes nesse exercício de expansão do presente nas práticas de sala de aula talvez seja um bom começo.

REFERÊNCIAS

- BARRO, J. de. **Chapeuzinho Vermelho**. São Paulo: Editora Moderna, 1995.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MORAES, F. O. **O medo em Chapeuzinho Vermelho (da Idade Média à Modernidade)**: por uma abordagem discursiva da referenciação com base em Foucault. Dissertação (Mestrado em Linguística). PPGEL/UFES, Vitória, 2010.
- SANTOS, B. de S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2008.
- ZIPES, J. D. **Trial and tribulations of Little Red Riding Hood: versions of the tale in sociocultural context**. New York; London: Routledge, 1993.

Autor: Fabiano Moraes PPGE/UFES.

¹ Cabe ressaltar a reedição pouco difundida da coleção em CDs na década de 90, e a edição do livro ilustrado pela editora Moderna.